

Nome da publicação: Revista J Magazine

Tipo: Periódico mensal

Título da coluna: Artigo

Data: Agosto de 2010

Vote em mim!

Passo noites em claro procurando entender como Luiz Marinho e Aidan Ravin chegaram às suas respectivas prefeituras. Sei que talvez nem eles tenham a resposta do sucesso com 100% de certeza, mas é algo que vem me incomodando há meses. Inicialmente não há qualquer lógica que possam explicar estes resultados. Igualmente não entenderei se a companheira Dilma se tornar a mandatária geral da nação. O mesmo direi sobre lógica eleitoral se esta mesma incompatibilidade acontecer no âmbito nacional. A única conclusão que posso dizer sobre estas noites mal dormidas é que a culpa é e sempre será do tal povo. É ele quem decide uma eleição, e por este motivo, não confio em nada do que o povo pensa ou no que faz, principalmente em um País carregado de conceitos patrimonialistas e ações governamentais populistas, onde o estado tende a abraçar tudo e todos. A frase mais estúpida que já ouvi é a de que “a voz do povo é a voz de Deus”, evidentemente oriunda do próprio povo.

O que às vezes me deixa dormir um pouco melhor é saber que o tal povo, na verdade, não é algo que exista de fato. É apenas uma representação coletiva (e populista) do “cidadão-fantochê”. Trata-se de um sujeito coletivo oculto participante do processo eleitoral, previamente preparado para assumir a culpa do subdesenvolvimento. Perceba que a palavra “povo” sempre faz parte dos discursos eleitorais. Já a palavra população, muitas vezes não. Para um homem público, povo e população não são sinônimos. Digamos que o povo está inserido na população, mas nem toda população é considerada povo. Para ser considerado povo, o que na eleição lhe dá um status superior à de um simples membro da população, o cidadão deve usar a urna sem pensar muito, e apenas fazer o que lhe mandaram. Se parar um momento à frente de uma urna e tentar pensar na importância do ato, voltará ao patamar de população, e isso será considerado um retrocesso. Só é povo aquele que interessa, que possa ser manipulado e que tenha condições de votar em um candidato totalmente sem lógica. Neste caso, quero pedir ao povo que vote em mim! Para qual cargo? Sei lá, não sou candidato a nada, nunca fui, mas isso será apenas um detalhe na eleição. O povo não me conhece, não sabe quem sou, tampouco do meu passado ou do que já fiz de besteiras por aí, portanto, sou exatamente a representação do que ele está acostumado a fazer. Basta um pouco de benevolências sociais, um cantor famoso qualquer ladeando uma foto, alguns companheiros neste ou naquele órgão de classe e uns milhares de santinhos emporcalhando as ruas que o povo de uma hora para outra estará votando em mim.

Brincadeiras à parte, prefiro continuar deste lado da urna, fazendo parte da população que vota com consciência e que simplesmente por raciocinar em uma eleição, não é do povo, não confia no povo e não aprova o que o povo faz.